

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ISABELLE CRISTINA DA SILVA
GIZELY CRISTINA DA SILVA CABRAL
SHEYLA DO NASCIMENTO COSTA SILVA
VANESSA FERNANDA DA C. M. TORRES

**A IMPORTÂNCIA DAS ADAPTAÇÕES DE
ATIVIDADES PEDAGÓGICA PARA CRIANÇAS
AUTISTA**

RECIFE/2022

ISABELLE CRISTINA DA SILVA
GIZELY CRISTINA DA SILVA CABRAL
SHEILA DO NASCIMENTO COSTA SILVA
VANESSA FERNANDA DA C. M. TORRES

A IMPORTÂNCIA DAS ADAPTAÇÕES DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PARA CRIANÇAS AUTISTAS

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Professor(a) Orientador(a): Ariedja de Carvalho Silva Carvalho
Silva

RECIFE/2022

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 1745.

I34 A importância das adaptações de atividades pedagógicas para crianças
autistas. / Isabelle Cristina da Silva et al. Recife: O Autor, 2022.
25 p.

Orientador(a): Ariedja de Carvalho Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro – UNIBRA. Licenciatura em Pedagogia, 2022.

Inclui Referências.

1. Autismo. 2. Aprendizagem. 3. Educação Inclusiva. 4. Atividades
adaptadas. I. Silva, Gizely Cristina da. II. Silva, Sheyla Do Nascimento
Costa. III. Torres, Vanessa Fernanda Da Conceicao Magalhães. IV. Centro
Universitário Brasileiro - UNIBRA. V. Título.

CDU: 37.01

Dedicamos esse trabalho a nossos pais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, pois sem a permissão dele não chegaríamos até aqui e nem iremos a lugar nenhum se não for dar vontade dele, agradecemos o apoio de nossos esposos e filhos (a) por nos incentivar, compreender nossos estresses nas horas que tínhamos algumas dificuldades, nos acompanhar quando era preciso.

À nossa orientadora Ariedja de Carvalho Silva, por toda paciência, assistência prestada e orientação, para que pudéssemos desenvolver um trabalho de conclusão de curso, com excelência, trazendo uma forma mais ampla com indicações de artigos científicos , livros e etc.

Aos excelentes professores (a) que passaram por nossa trajetória acadêmica do início do primeiro período até o dias de hoje, onde surgiram grandes desafios, uma nova realidade de vida, entretanto a busca por um sonho, não tivemos só professores, e sim amigos com grandes competência e paciência nos dando toda assistência, nos passando confiança, fomos desenvolvendo conteúdos, seminários, trabalhos, apresentações etc.

Hoje quando olhamos para trás podemos ver como chegamos no curso e como estamos concluindo, e isso graças primeiramente a Deus que além de ter nos dado essa oportunidade de concluir um curso, escolheu essas pessoas maravilhosas para nos auxiliar, mostrar o caminho, mesmo com tamanha dificuldade que tivemos quando surgiu a pandemia, nossas aulas presenciais interrompidas o inesperado aconteceu, mas mesmo assim os professores foram parceiros e juntos conseguimos dar continuidade, com muita garra e determinação estamos aqui concluindo nossa tão sonhada graduação, aqui fica nossos sinceros agradecimentos.

“A mente de uma criança com Transtorno do Espectro Autista pode ser associada a um quebra-cabeças. Parece difícil de entendê-la no primeiro momento. Porém, quando utilizamos a metodologia certa as tornamos fáceis e percebemos que as dificuldades podem ser superadas.”

(Jorge Tertuliano)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	10
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
3.1 Autismo.....	11
3.2 Educação Inclusiva: Os Desafios Da Inclusão Do Aluno Autista.....	16
3.3 Estratégias De Ensino E Aprendizagem.....	18
3.4 Atividades Adaptadas.....	19
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	25

A IMPORTÂNCIA DAS ADAPTAÇÕES DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PARA CRIANÇA AUTISTA.

Isabelle Cristina da Silva
Gizely Cristina da Silva Cabral
Sheila do Nascimento Costa Silva
Vanessa Fernanda da C. M. Torres
Orientador(a)¹ Ariedja de Carvalho Silva

Resumo: O acesso à escola, a garantia de permanência e a promoção da aprendizagem, independente das condições do estudante, é dever do Estado e da família que dividem a responsabilidade sobre o processo de escolarização. Nesse sentido, a legislação brasileira determina que todas as crianças com transtornos do espectro do autismo estejam incluídas em salas de aula regulares para que possam se desenvolver plenamente a partir de programas elaborados pedagogicamente para este fim. O presente estudo tem como objetivo descrever a importância da intervenção pedagógica na inclusão da criança com TEA no ensino regular. A metodologia consistiu de uma revisão bibliográfica norteada por livros e periódicos nacionais acerca da temática proposta. Os artigos encontrados foram discutidos ao longo do trabalho descrevendo os principais aspectos do autismo e sua relação com a inclusão escolar. Os resultados apontaram que para que ocorra o exercício da inclusão são necessárias mudanças não apenas no ambiente físico escolar, como também mudanças nas concepções dos professores que irão repercutir na forma como desenvolvem o trabalho com os estudantes em sala de aula. Portanto, é fundamental oportunizar a convivência com a diversidade, possibilitando aos estudantes com TEA, que se desenvolvam e possam estabelecer vínculos com os demais que constituem o espaço escolar, especialmente aqueles que fazem parte da sua sala de aula. Portanto, o trabalho aponta para a necessidade de uma reflexão acerca de como o processo de inclusão tem sido realizado nas escolas e o que se espera da escola na sua função socializadora e inclusiva.

Palavras-chave: Autismo. aprendizagem. educação Inclusiva. atividades Adaptadas

1 INTRODUÇÃO

As pessoas autistas enfrentam dificuldades, e preconceito no seu cotidiano, porém com o avanço tecnológico médico e nas mídias onde lutam pela inclusão social para passar o conhecimento, esclarecimentos a população sobre esse

¹ Professora da UNIBRA. Mestre em Educação Matemática e Tecnológica - UFPE E-mail: ariedja.carvalho@grupounibra.com

transtorno, as pessoas estão ampliando e procurando conhecer mais desse assunto tão presente na sociedade com isso a menos preconceito e mais acolhimento com os mesmos gerando um aumento no número de pesquisa a respeito do tema, tanto em relação às causas do transtorno como os tipos de tratamento e tipos de aprendizado. Atualmente não há cura para o autismo, mas com um trabalho multidisciplinar, foi observado um avanço grande nas crianças que recebem esse tipo de intervenção, é muito importante o trabalho dos profissionais junto com escola e família.

Nas instituições de ensino foi visto um avanço muito grande no desenvolvimento pedagógico dessas crianças quem tem dificuldade de aprendizado decorrente do autismo, na intervenção das atividades adaptadas conforme a necessidade da criança.

É de fundamental importância a inclusão social e escolar desses pequenos, por isso os educadores hoje em dia estão bem engajados e familiarizados no que diz respeito ,desse assunto tão amplo direcionado a crianças com autismo, a escola tem o dever e fundamental importância de saber lidar, da atenção, saber trabalhar, capacitar os seus professores a aplicarem métodos e uma boa didática de ensino para passar, de modo adequado para que seja alcançado o aprendizado e o desenvolvimento do intelecto.

Entendemos que o fato de um aluno ter um transtorno, não significa que o outro detenha o poder de lhe completar ou assistir na limitação que apresenta. E sim o aluno com transtorno do espectro autista, deve participar na escolha daquilo que lhe for assistir.

É um grande desafio dos educadores e pais de pessoas com TEA contribuir com o processo de inclusão escolar e fazer com que essas crianças aprendam e acompanhem o conteúdo das aulas. Por isso é tão importante a adaptação dos conteúdos didáticos. A utilização desses materiais didáticos corretos é fundamental para que a pessoa com TEA absorva os conteúdos educacionais e que aprendam de fato.

Não existe um ensino padrão que possa ser utilizado, cada indivíduo exige acompanhamento individual, de acordo com suas necessidades que são apontadas pelas avaliações psicopedagógicas e outros tipos de avaliação com os terapeutas. Geralmente as avaliações feitas pelos terapeutas especialistas em cada área são realizadas (SILVA e MULICK, 2017).

Nessa nova realidade de inclusão a instituição de ensino deve ter uma visão que contemple valores, que esteja aberta às novas intervenções, que venha interagir família e escola, que aprenda a se conectar com as crianças e jovens com TEA. A educação tem uma série de compromissos e a primeira delas é com o aluno, cuidando dos recursos humanos e garantindo o desenvolvimento delas, respeitando seu ritmo, seus valores e suas crenças.

Intervenções pedagógicas devem ser planejadas, deve contar com a participação da família, para ser ter uma parceria para realizar essa intervenção de modo generalizado. Cada pessoa tem o seu papel necessário, fundamental e único no sistema de ensino, quanto mais a família e escola estiverem envolvidos e integrados no objetivo final, maiores serão as chances de sucesso.

A equipe da instituição formado por professores, pedagogos, psicopedagogos precisa avaliar caso a caso e averiguar em que nível a criança está em cada disciplina, observar o que já aprendeu e o que não aprendeu, para que a partir daí seja feito as adaptações curriculares paralelo ao da classe. Em seguida, deve planejar os conteúdos pedagógicos individualizados e dar início a intervenção.

Nesse contexto, o trabalho apresenta uma grande utilidade para direcionar os estudantes de pedagogia, que estão no início da sua vivência em sala de aula, com os alunos com TEA, trazendo uma série de compromissos, que norteiam todas as nossas ações e atitudes. Cada educando bem formado é fonte de novos bens, valores e força motriz para a sociedade. (FRAIMAN, 2013)

O texto foi construído nas seguintes sessões: Delineamento Metodologia que apresenta uma pesquisa qualitativa, seguido do referencial teórico que traz as principais teorias e dos escritores, que falam sobre essa temática, e o resultado e discussões onde é realizado um paralelo entre as partes do texto. (teoria e prática)

2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Este artigo foi produzido a partir de uma pesquisa bibliográfica, documental e qualitativa com dados em livros, sites e através de pesquisas e estudos já publicados onde conseguimos registrar acerca dos estudos relacionados.

A pesquisa bibliográfica é muito utilizada no meio acadêmico e tem a finalidade de crescer e atualizar o conhecimento, através de um estudo científico de obras já publicadas. Para Andrade:

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizaram pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (2010, p. 25).

A pesquisa bibliográfica é um tipo de pesquisa que apresenta materiais impressos como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Com o crescimento da tecnologia, estas pesquisas incluem também em aparelhos e objetos eletrônicos como HD externo e o Pendrive e até mesmo material disponibilizado na internet. A pesquisa bibliográfica, para Fonseca,

É realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (2002, p. 32).

A pesquisa documental utiliza-se as fontes mais diversas e dispersas, sem tratamento analítico, assim como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios,

documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. Segundo Pádua:

Pesquisa documental é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados); tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências [...](1997, p.62)

A pesquisa documental é um tipo de pesquisa que se utiliza fontes primárias, isto é, informações e dados que ainda não foram editados cientificamente ou analiticamente. A pesquisa documental tem objetivos específicos e pode ser um grande complemento à pesquisa bibliográfica.

Esse trabalho se trata de uma pesquisa qualitativa, no sentido de incentivar a uma realidade de inclusão de alunos autistas dentro das escolas, devido a um crescimento bem significativo da população diagnosticada com o transtorno do espectro autista nos tempos atuais, ao mesmo tempo cresce a preocupação das escolas em capacitar os professores para atender esses discentes e realizar uma inclusão digna para essas crianças.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Autismo

O Transtorno do Espectro Autismo é uma condição caracterizada por um conjunto de sintomas. Na maior parte dos casos o autismo é genético, ou seja, decorre da carga genética de seus pais ou é uma mutação genética da própria criança. Estudos recentes apontam o impacto genético no desenvolvimento entre 80% e 90%. Pesquisa recente informou este percentual em 83% (SANDIN, *et al.*, 2017).

Embora haja essa forte equivalência genética, mas nem sempre o autismo se desenvolve no sujeito de forma genérica, é preciso também observar situações ambientais, esse ambiente que falamos nada tem a ver com o afeto do pai e da mãe ou relações com outras pessoas, mas sim em ambientes dentro do útero e talvez o processo do parto. Uma parte da nossa pesquisa afirma que parto prematuro está

associado a uma maior incidência para o TEA. Não é possível afirmar que parto prematuro causa autismo, mas que está associado.

Alguns questionamentos foram levantados sobre a vacina, que seria uma das causas para o TEA, porém estudos demonstraram de maneira inquestionável que uma coisa não está correlacionada a outra. Todos esses boatos vem de um estudo publicada na década de 1990 pelo jornal Lancet, mas foi despublicado, por conter dados falsificado pelo autor, patenteado uma vacina diferente, que desejava comercializar e ainda havia recebido propina de uma firma de advogados que possuía um processo contra a empresa de vacina.

Um dos primeiros critérios a ser diagnosticado uma pessoa com TEA é déficits persistentes na comunicação, déficits na reciprocidade sócio emocional, déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, movimento motores, uso de objetos ou fala estereotipadas ou repetitivos, insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas, interesses fixos e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco, hiper ou hipo reatividade a estímulos sensoriais. Esses sintomas devem estar presentes precocemente no período de desenvolvimento.

Na obra “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, Leo Kanner, psiquiatra austríaco, radicado nos Estados Unidos, através de 11 casos, descreveu comportamentos de crianças autistas dos dois aos oito anos. Nele observou a solidão do autista, onde diz “[...] é a incapacidade que têm essas crianças, desde o começo de suas vidas, para se relacionar com as pessoas e situações.” (KANNER, 1943, p. 242).

Kanner também percebeu comportamentos como resistência à mudança, ou monotonia insistente, respostas diferentes ao ambiente, movimentos estereotipados, ecolalia na linguagem, inversão dos pronomes e destacou déficits no contato social (KLIN, 2006).

A maioria dos indivíduos com TEA apresentam comorbidades. Em 2013, Matson e Goldin defenderam que são condições mais comuns associadas ao autismo no sujeito, são epilepsia, distúrbio do sono, transtorno de atenção e

hiperatividade – TDAH, ansiedade, estereotipia, comportamento inadequado e deficiência intelectual e também deficiência auditiva.

A Prof^o Uta Frith, alemã radicada na Inglaterra, estuda há muitas décadas o autismo. Ela fala em um dos seus livros *Autism: a very short introduction*, no ano de 2008, ela indica que há 5 condições de cada indivíduo com autismo, que são: Teoria da mente, Coerência central, Prejuízo no sistema de navegação social, Prejuízo nas funções executivas e prejuízo nos neurônios espelho

Uma das situações mais complexas no autismo é a questão do diagnóstico, quem e como se identifica? Infelizmente não há nenhum exame capaz de detectá-lo e oferecer um positivo ou negativo.

O autismo é identificado através de observação clínica, ou seja, o indivíduo com TEA é diagnosticado depois de observar a presença dos sintomas que caracterizam a condição autística. Quem faz o diagnóstico é o neurologista, mas a um longo caminho a ser percorrido, é aconselhável que o indivíduo passe por uma equipe multidisciplinar, onde os profissionais vão observar o comportamento da criança e detalhe todos os comportamentos inadequados através de relatório que será encaminhado para um neurologista, para fechamento de laudo médico, encaminhado o indivíduo para profissionais qualificados. Trata de um diagnóstico diferente e difícil de ser realizado, depois de feito vários protocolos de observação, são também feitos vários exames para exclusão como bera, cariótipo, ressonância magnética no cérebro, entre outros.

O novo cenário sobre Transtorno do Espectro Autista - TEA, derruba um pouco o enigma primitivo do desconhecimento e deslumbra uma visão mais ampla do conhecimento sobre o mesmo, com a ampliação da população diagnosticada, muito embora as causas cientificamente ainda não comprovadas, mas em estudo, faz com que os pesquisadores e profissionais se debruçam e conheça mais sobre as questões do TEA do que em tempos anteriores, isto por si, já facilita o acompanhamento e o tratamento através de profissionais qualificados e clínicas especializadas (CAMARGO E RISPOLI, 2013).

No entanto, ao analisarmos as políticas públicas de Saúde relativas ao transtorno do espectro autista no Brasil, nos deparamos com uma realidade que ainda é muito distante do ideal para o acolhimento e tratamento dessas pessoas e das famílias, conforme necessidade e direitos já previstos por leis (APA, 2014).

O crescimento de crianças diagnosticadas com o TEA ou que ainda necessitem de um direcionamento e de uma resposta ideal e eficaz para que sejam conduzidas a um diagnóstico ou a um tratamento na atenção básica de saúde, ainda é difícil, exatamente por falta de diretrizes do Ministério da Saúde, pela falta de preparo técnico e capacitação de profissionais, ainda muitas vezes pelas precárias condições de trabalho e pela falta de envolvimento e investimentos dos gestores quando o assunto é o Transtorno do Espectro Autista.

De acordo com diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro do autismo do Ministério da Saúde 2014, a criança com TEA deve receber o diagnóstico antes dos 3 anos de idade, pois é “nessa faixa etária” que se tem maior plasticidade das estruturas anátomo-fisiológicas do cérebro, bem como o papel fundamental das experiências de vida de um bebê para o funcionamento das conexões neuronais e para a constituição psicossocial, portanto, este período torna-se um momento sensível e privilegiado para intervenções (Janeiro Branco, 2015)

Todavia a de se reconhecer um crescimento bem significativo da população diagnosticada com o transtorno do espectro autista nos tempos atuais, ao mesmo tempo em que cresce o empenho das famílias quando identificam em seus filhos traços característicos na busca da afirmativa diagnosticada por profissionais qualificados, como também o número de profissionais de todas as áreas interessados em obter conhecimento sobre o transtorno.

O Autismo é um dos assuntos mais estudados e que mais intriga os pesquisadores mundialmente pela sua alta complexidade, já existem várias evidências genéticas associadas a causa do TEA , mas ainda não há uma resposta

definitiva, e assim como cada criança autista é única, as causas que levam a essa desordem neurológica também são únicas, e multifatoriais, podendo haver uma ou várias associações. "Existem algumas teorias sobre o porquê do autismo", diz Patrícia Beltrão Braga, professora de embriologia e genética da Universidade de São Paulo (USP). Para Stock:

Existem fatores genéticos influenciando, então seria uma carga hereditária ou mutações novas. Outras teorias dizem que pode haver uma influência do ambiente, como uma infecção materna ou neonatal, o uso de medicamentos pela genitora, exposição a substâncias tóxicas, idade parental dentre outras, (2018)

O Tratamento para a pessoa com TEA, é realizado por uma equipe multidisciplinar (médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, educadores físicos, pedagogos dentre outros).

Dentre os tratamentos temos as abordagens terapêuticas cientificamente comprovadas e métodos mais indicados por médicos e estudiosos, que auxiliam no tratamento das pessoas com TEA, com bom prognóstico, ou seja, com resultados também comprovados cientificamente no desenvolvimento e aprendizagem por avaliações feitas por médicos periodicamente e pelos terapeutas que acompanham o paciente. Podemos citar: a ABA, o TEACCH e o PECS.

A ABA (Applied Behavior Analysis) que traduzido para o português significa "Análise do Comportamento Aplicada". É uma ciência aplicada no Tratamento do Autismo e tem como maior objetivo modificar o comportamento de pessoas com TEA (Transtorno do espectro Autista), através do estudo e observação da interação que o ambiente pode causar no indivíduo e na resposta produzida como aprendizagem (DUARTE; SILVA; VELLOSO, 2018).

A história da ABA está profundamente enraizada nos trabalhos de Thorndike, Watson, Pavlov e Skinner, no entanto se atribui a criação da ABA e a fundação do periódico mais importante da área (Journal of Applied Behavior Analysis) à Baer, Wolf e Risley em 1968. A análise do Comportamental é a formulação atual fundamentada na filosofia do Behaviorismo Radical de Skinner. (MOREIRA. M, MEDEIROS C.A. 2018).

Esse tipo de intervenção originada do Behaviorismo que trata da filosofia da ciência comportamental, da análise experimental do comportamento que trabalha com pesquisas básicas de laboratório e a análise do comportamento aplicada que envolve o desenvolvimento de tecnologia, é realizada de maneira estruturada ou em ambientes naturais, focando nos comportamentos alvos de intervenção, o que em sua maioria envolve comportamentos ligados à linguagem e comportamentos inadequados.

O planejamento das intervenções baseadas em ABA e voltadas para as pessoas com TEA, é uma tarefa que envolve múltiplos componentes, desde a condução de uma avaliação inicial para a obtenção do repertório comportamental do indivíduo determinando habilidades importantes para promover sua autonomia, da interpretação de resultados, elaboração de um documento com objetivos de intervenções individualizadas ou plano de ensino individualizado (PEI) e a descrição de programas para ensino de habilidades na intervenção. (DUARTE; SILVA; VELLOSO, 2018).

3.2 Educação Inclusiva: Os Desafios Da Inclusão Do Aluno Autista.

Observamos que a inclusão das crianças com TEA, transtorno do espectro autista, têm tido grandes avanços ao longo dos anos, por conta de métodos tanto na área educação como saúde e social.

O diagnóstico da doença, ou seja sua inclusão já começa no seio familiar, onde seus pais vão em busca de conhecimentos para saber lidar com seu filho no cotidiano nas tarefas diárias, descobertas etc, depois o passo seguinte é a entrada na escola, início do seu convívio, com crianças da sua idade e com as mesmas dificuldades de aprendizado, com os professores no ambiente escolar, onde depois dos seus pais terá um papel importantíssimo no seu desenvolvimento educacional e como indivíduo.

A escola passa a incluir a criança com autismo no ensino regular, o professor terá o papel em saber lidar com a criança em passar conteúdos e atividades práticas, lúdicas, diversificando a maneira de aprendizagem fazendo com que ela possa aprender sem ter dificuldades e dessa forma respeitar o ritmo do

aluno com essa dificuldade, as atividades serão adotadas, também fazer com eles interajam com os colegas de classe e tido o ambiente escolar de forma geral, mas nem sempre o professor está preparado para essa situação ou seja receber os alunos com autismo, onde o professor é tido como o mediador no processo inclusivo, ele faz o contato inicial da criança com sua sala de aula.

Os desafios ainda encontrados nos dias atuais é dar um ensino de qualidade para todos sem distinção, onde as práticas educacionais se direcionem a atender as necessidades e dificuldades do aluno na área educacional, diante dessa realidade a escola têm o dever de atender essas crianças com TEA, pois eles possuem características variadas que comprometem, o seu aprendizado e socialização com as outras pessoas ,precisa de apoio no processo ensino-aprendizagem, mas tivemos avanço, vemos o crescimento da qualificação, formação dos profissionais da área da educação, onde os mesmos são capacitados para melhor atender esse público no cotidiano escolar, o indivíduo com autismo vai encontrar uma série de dificuldades quando entrar na escola, com tudo as mesmas passará a ser também rotina dos professores e da escola como um todo.

De acordo com Valle e Maia:

a adaptação curricular se define como " O conjunto de modificações que se realizam nos objetivos, conteúdos, critérios e procedimentos de avaliação, atividades e metodologia para atender as dificuldades individuais dos alunos " (2010, p.23),

A beleza da compactação da lei Berenice piana 12.764 em 27 de dezembro de 2012 , pode contrastar com profundidade das mudanças que as práticas exigem , sobretudo em como a sociedade acolhe o autista. isso exige ,como indica a diretrizes do inciso 7, que deve haver " O incentivo á formação e a capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista , bem como pais e responsáveis " (Brasil ,2012)

A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência , para todos os efeitos legais " (Brasil ,2012)

3.3 Estratégias De Ensino E Aprendizagem

Ensinar nunca foi uma tarefa tão simples como muitos pensam. Ao contrário, essa atividade exige uma série de habilidades e competências para que o educador consiga diferenciar e articular fatores sociais, individuais, internos e externos, que influenciam o tempo todo no ensino.

É um grande desafio, falar no ensino de crianças autistas no contexto educacional brasileiro, de fato ainda é muito preconceituoso, visto que existe uma série de implicações que não permitem que a palavra inclusão seja verdadeiramente vivenciada na maioria das escolas seja elas públicas ou privada, muitas vezes por falta de incentivo ou investimentos governamentais, seja pela falta de assistência e parceria de todo o corpo pedagógico, seja pela falta de formação do professor ou mesmo pelo conceito preconceituoso criado por pessoas leigas ao assunto de que crianças autistas não aprendem. Salientando-se que aprende sim, porém de uma forma diferenciada mas o aprendizado acontece(...).

(...)Quanto mais significativo para a criança forem os professores, maiores serão as chances dela promover novas aprendizagens, ou seja, independente da programação estabelecida, ela só ganhará dimensão educativa quando ocorrer uma interação entre o aluno autista e o professor (SCHWARTZMAN E ASSUNÇÃO JUNIOR, 1995).

Assim, uma boa didática deve ser iniciada com a redução do número de alunos por turma, para que o professor possa oferecer a assistência necessária, dentro dessa realidade a organização atenção, arrumação de sala, visuais e etc. Sem fazer grandes mudanças , uma rotina é adaptada dentro da realidade do aluno , sendo assim ocorrerá um desenvolvimento significativo.

É fundamental que o professor busque a formação continuada projetando o seu crescimento educacional e profissional, adquirindo conhecimentos atuais (DIESEL; MARCHESAN; MARTINS, 2016).

Nessa perspectiva, atividades inovadoras e pedagógicas atribuem de forma significativa o processo de ensino e aprendizagem. É importante que o educador,

compreendendo suas dificuldades, busque adequar as práticas de acordo com o contexto em que seus alunos estão inseridos.

:

Nóvoa, destaca que a escola é importante no processo da formação contínua do docente, uma vez que, é um espaço educativo e a busca pelo novo deve ser permanente e introduzido de forma frequente. Pensar em formação continuada é refletir os aspectos pessoais e aperfeiçoamento profissional do educador, bem como o crescimento organizacional da escola. (2002)

De acordo com a PNE vemos uma grande importância do investimento da formação contínua dos profissionais de ensino, para um melhor desenvolvimento e rendimento dos profissionais, garantindo melhor qualidade em seu desenvolvimento tanto do discente quanto do docente. em um dos seus parágrafos fala a seguinte informação, Segundo Santos e Teixeira:

A formação continuada, no âmbito do ensino superior, além de se constituir em um direito dos professores da educação básica, apresenta-se como uma exigência para o exercício profissional, como reitera a Nota Técnica ao PNE emitida pelo Ministério da Educação: “para que se tenha uma educação de qualidade e se atenda plenamente o direito à educação de cada estudante é importante que o profissional responsável pela promoção da aprendizagem tenha formação adequada” (p. 93).

Desta forma seguimos para melhor desenvolvimento se adequando a realidade de ensino, buscando o diferencial, para melhoria da educação.

3.4 Atividades Adaptadas

Infelizmente não há respostas prontas para as seguintes questões: O que podemos fazer para educar as crianças autistas? Como podemos trabalhar escola e família? O que fazer em sala de aula?

As crianças aprendem melhor por meio da ludicidade, porém nem sempre é o suficiente para a criança autista aprender, e é aí que entra a importância das atividades adaptadas, o PEI (Plano Educacional Individualizado) para que essa criança desenvolva o aprendizado. Conforme Glat:

[...] planejamento individualizado, periodicamente avaliado e revisado, que considera o aluno em patamar atual de habilidades, conhecimentos e desenvolvimento, idade cronológica, nível de escolarização já alcançado e objetivos educacionais desejados em curto, médio e longo prazos.(2012, p. 84)

Pais, profissionais e educadores devem aliar o conhecimento pedagógico à sensibilidade humana. Com um olhar operacional e sensível, a partir da criança, o professor demonstra seu trabalho. O educador necessita descobrir os recursos pedagógicos que deverão ser usados. O professor precisa atinar quais habilidades seu aluno já possui e quais ele precisa adquirir. A partir daí escolher os materiais adequados para que haja sucesso tanto na aprendizagem como no desenvolvimento cognitivo e até mesmo psicomotor sobrepondo também a comunicação e a socialização.

Como falamos anteriormente, crianças aprendem por meio de brincadeiras, dia-a-dia com os pais e familiares, os colegas e os professores na escola. Apenas vivendo o cotidiano diário ela aprende.

De acordo com Liberalesso e Lacerda :

[...] o comportamento humano é constituído de forma dinâmica, conforme as experiências e interações entre o indivíduo e o ambiente. Deste modo, entendemos que as pessoas aprendem e incorporam novos comportamentos segundo uma capacidade teoricamente inata de imitação, seguida por reforçamento. (2020, p.18)

As impressões na criança são construídas em sua mente pelos sentidos e assim se formam. A criança precisa autista precisa aprender a função de cada objeto e o seu manuseio adequado. Quando ela vê uma bola, por exemplo , nem sempre deseja chutá-la ou jogá-la com a mão, mas cria estereotípias e formas incomuns de manuseio e isso causa atraso no desenvolvimento dessas crianças, esses é dos motivos que temos que adaptar as atividades, ensinar como manusear os objetos, todas as crianças atípicas são capazes de aprender, só é preciso encontrar a melhor forma de ensinar, e esse ensinar que vai nos mostrar o modelo é a criança.

A educação nas escolas inclusivas, independentemente do nível, deve ser vivenciada individualmente na sala de recursos e na sala de ensino comum, pois

incluir é aprender junto com todas as crianças. Na maioria das vezes essas crianças têm uma concentração de atividades pequenas, por isso o seu ensino deve ser de forma lúdica e agradável, para que se forme motivação e não haja irritabilidade, mas sempre uma nova descoberta para ser produtiva. Educamos essas crianças para que elas tenham sua própria autonomia.

É imprescindível adaptar atividades para essas crianças, onde elas possam aprender de uma forma mais concreta. As escolas tem que está preparada para receber essas crianças, de se adaptar conforme a necessidade de cada criança, é estar preparado para a inclusão, como capacitar os profissionais da educação, para que todos saibam interagir com as crianças atípicas, pois inclusão é lei, e não opção.

Em 2012, a partir da luta de pais de pessoas com autismo, foi elaborada e aprovada a lei 12.764, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista”. Diante disso as vidas dessas crianças se tornam menos tenebrosas, pois com a inclusão todas as crianças com necessidades especiais terão direitos de estudar e aprender, com equipes de acompanhamento especializado, exclusivo para cada criança. Sabemos que, na prática, muitas escolas negam esse acompanhamento individual, porém cabe aos pais o diálogo insistentemente com as instituições de ensino para encontrar a melhor forma de concretizar o que é direito. Sabemos que é lei a criança ir para escola e que tanto o desenvolvimento como o aprendizado de um autista muitas vezes só acontece mediante a um acompanhamento multidisciplinar com uma equipe formada por diversos profissionais, como neurologista e neuropediatra, psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, etc.

Todos os profissionais que trabalham com essas crianças precisam saber que a equipe multidisciplinar é de extrema importância para um resultado satisfatório. Não tem como falar de desenvolvimento do autista sem a parceria entre a equipe de professores e outros profissionais. A escola precisa buscar informações sobre o aluno e não só com a família, mas principalmente com a equipe multidisciplinar que o atende fora da escola.

O ABA (Análise do Comportamento Aplicada) na escola ajuda no desenvolvimento das crianças autistas, pode ser colocada de muitas formas e contextos no cotidiano, tanto de pessoas com TEA, ou em outras deficiências neurológicas.

Dentro da equipe multidisciplinar temos os aplicadores do ABA, que é um método que contribui bastante para o aprendizado, comportamento e na sua interação social, como um todo. Quando a mesma é colocada na área educacional faz todo um estudo sobre a criança seu jeito, comportamento para então vê habilidades, maneiras de pôr em prática, para ajudar a criança no ambiente escolar, sua evolução, daí atingir um ou mais objetivos, por isso quando inserida no meio escolar é ótimo para estimular o desenvolvimento do aluno no seu espaço diário da escola em que está englobado atuando todos os dias, participando das atividades escolares com seus colegas de classe, será muito significativo essa prática agindo positivamente.

No seu aprendizado, a instituição de ensino trabalhará com um acompanhante terapêutico o (AT), ele será responsável em acompanhar, auxiliar, trabalhar com a criança em seu processo de aprendizagem, ele vai buscar várias formas para contribuir na independência do indivíduo na escola, essas práticas são: brincadeiras sociais, aprendizagem, socialização, cuidados pessoais, comunicação e etc.

Nem todas as crianças terão esse auxílio no ambiente escolar pois as escolas públicas não trabalham com esses profissionais, ainda são desconhecidos, esse trabalho é mais voltado para as redes privadas e nem todas, a educação nem sempre é de boa qualidade e igual para todos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como as atividades adaptadas podem ser ferramentas facilitadoras no processo de ensino e aprendizagem de crianças autistas dentro de sala do ensino regular?

No avançar de nossa pesquisa, observamos como é possível que haja o aprendizado, dependendo do nível de autismo da criança, desde que haja comprometimento da família e do professor para a criança autista. O professor é um dos mais importantes facilitadores que a criança tem para aprender, sabendo-se de suas dificuldades cognitivas, às vezes motoras, o professor precisa se organizar, se planejar, adaptar suas atividades diárias, fazer o PEI para que a criança autista alcance o objetivo proposto para idade.

Esperamos que esta pesquisa venha contribuir para esclarecer aos profissionais da educação como deve ser pensada a inclusão para a criança com TEA, considerando a formação inicial e contínua e que futuramente venham escolas que sejam verdadeiramente inclusivas.

Neste sentido, as reflexões relacionadas à criança com TEA e a sugestão de métodos de aprendizagem que irão promover a interação e o desenvolvimento da criança autista são as maiores contribuições que podemos ter apresentado aos leitores desta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito importante enfatizar que existem diversos tipos de métodos e abordagens de ensino atualmente utilizadas para crianças com Transtorno do Espectro Autista.

A Lei Berenice Piana (12.764/12) criou a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que determina o direito dos autistas a um diagnóstico precoce, tratamento, terapias e medicamento pelo Sistema Único de Saúde; o acesso à educação e à proteção social; ao trabalho e a serviços que propiciem a igualdade de oportunidades. Esta lei também estipula que a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

Como se trata de um ensino e adaptações para crianças atípicas, principalmente com transtorno que vem crescendo de forma exponencial é necessário que os meios para realização das adaptações de ensino seja baseado na ciência, com profissionais qualificados em diferentes abordagens onde os estudos demonstram avanços significativos para essas crianças, possibilitando uma qualidade de vida com mais autonomia.

No entanto, a abordagem e intervenção de ensino com adaptação necessária para cada criança atípica precoce, uma base diagnóstica para o norteamento destas crianças ou pessoa atípica, a não interrupção do tratamento, profissionais devidamente preparados e capacitados em todos os âmbitos Sociais (clínicas, consultórios, escolas, áreas jurídicas, dentre outros.), a preparação e acolhimento para participação e oferecimento de uma boa estrutura física e psicológica familiar, o cumprimento dos direitos previstos nas Leis de Proteção à pessoa com o TEA(Lei Federal nº 12.764/2012 e Lei Estadual nº 15.487/2015).

O processo da inclusão escolar efetiva em uma escola regular para uma atendimento especializado que ofereça a esta criança ou adolescentes a estrutura e ferramentas humanizadas apropriadas, são portanto os pilares essenciais para um bom prognóstico de vida dessas pessoas e assim garantir a aprendizagem necessária oportunizando o indivíduo dentro de suas capacidades e potencialidades a alcançarem as suas autonomias futuras e uma boa qualidade de vida que seja garantia de dignidade, respeito e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak ,p140 Ed. 2015.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
Apostila

FRAIMAN, L. **Como ensinar bem. Crianças e adolescentes de hoje**. São Paulo: Editora Esfera, 2013.

GOMES, C.G.S.; SILVEIRA, A.D. **Ensino de Habilidades Básicas. Para pessoas com autismo**. Curitiba: Appris,2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. THIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa - ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

GÓMEZ,A.M; TERÁN, N.C. **Transtornos de Aprendizagem e Autismo**. São Paulo: Cultural, S.A. p.480, 2014

GLAT, R.; PLETSCH, M. D. **A escolarização de alunos com deficiência intelectual: uma análise da aplicação do plano de desenvolvimento educacional individualizado**. Linhas Críticas, Brasília, v.18, n.35, pp.193-208, jan./abr., 2012.

LIBERALESSO, P.; LACERDA, L. **Autismo: compreensão e práticas baseadas em evidências**. 1. ed. Curitiba, 2020. Disponível em: <https://mid.curitiba.pr.gov.br/2021/00312283.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2022.

MOTT, L. R. B. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

PÁDUA, E. M. M. Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1997.

MANZINI, J.M.; SANTOS, M.C.F. **Portal de ajudas técnicas. Recursos Pedagógicos Adaptados**. Brasília: Mec SEEP, 2002. fonte: Neuroconecta.com.br/aimportancia-da-adaptacao-dos-conteudos-didaticos-para-autista. Acesso em: 20/10/2022

O que é pesquisa bibliográfica, Disponível em: www.metodologiacientifica.org acesso em 19/05/2021.

O que é pesquisa documental, Disponível em: www.metodologiacientifica.org acesso em 19/05/2021.

PILONI, Thiago. **Lei Berenice Piana e o acompanhante especializado**. Conteúdo Jurídico, Brasília – DF: 18 abr.2015. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.53247&seo=1> Acesso em: 25 mai.2022. Acesso em: 20/10/2022

SCHWARTZMAN, J.S; ARAÚJO, C.A. **Transtorno do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memnon.p.46.2014

SCHMIDT, Carlos. **Autismo é o caminho para a aprendizagem.** São Paulo, p.12,13